

Exmo. Sr.
Dr. Miguel Reale Jr.
Presidente da Comissão Especial do
Ministério da Justiça

7001118 00000
DIVISÃO DE COMUNICAÇÕES

PROSIA/PR/...
DU/0006/PC
0800.825513/96 87

Eu, IDALINA MARIA PINTO, brasileira, do lar, RG nº 1.658.661-X/SP, CPF nº 856.882.668-72, residente na Rua Santo Antônio 1210 ap. 32 - São Paulo - SP, nos termos da Lei 9.140 de 04/12/95, e na qualidade de viúva do desaparecido político, ONOFRE PINTO, devidamente qualificado no Anexo I da prefalada Lei, venho respeitosamente requerer a Vossa Senhoria:

- 1) a localização e entrega de seus restos mortais, conforme o previsto no Inciso II, Artigo 4º e Artigo 8º; e
- 2) a indenização prevista no inciso III do Artigo 4º da supra Lei citada.

Termos em que,
p. deferimento.

São Paulo, 14 de fevereiro de 1996.

Idalina Maria Pinto
IDALINA MARIA PINTO

CARTÓRIO DE NOTAS
DR. ANTONIO FRIGO GUARITA - Tabelião Inteiro
Rua Quirino de Andrade, 237 - Fone 258-2611 - SP

Reconheço por semelhança a Idalina Maria Pinto firma

São Paulo 15 de EV. do 1996
Em Teste da variedade

Valor Recolhido por assinatura R\$ 0,70
SEM DESCONTOS POR VEREA
SERVIDOR DE NOTAS E CARTÓRIAS

SERGIO FILIPPINI
Escrivão Autorizado

P.S.: anexas cópias autenticadas do RG (com o número do CPF) da requerente e do Atestado de Óbito do desaparecido político, além de dossiê e xerox de artigos de jornais referentes ao caso.

18.02
Hf
Hf

LEI N.º 7.115 DE 2006/03

ASSINATURA DO DIRETOR

CPF: 856882668/72

CC: LV. B106/FLS. 80 / N.º 024048

BELA VISTA

SÃO PAULO SP

DOC. ORIGIN. JACUPIRANGA - SP

DATA DE NASCIMENTO: 07/JUL/1933

NATURALIDADE

E FELICIA ANTUNES CHAGAS

FILIAÇÃO: ANTONIO DOMINGUES CHAGAS

NOME: IDALINA MARIA PINTO


REGISTRO GERAL: 1.658.661-X

DATA DE EXPIRAÇÃO: 29/JUN 33

VALIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

CARTEIRA DE IDENTIDADE

ASSINATURA: Idalina Maria Pinto



9101-7

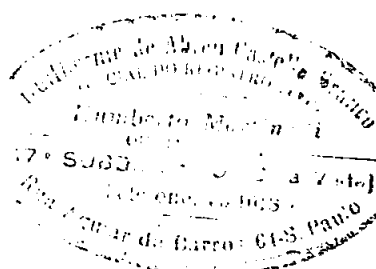
REGISTRO GERAL

1.658.661-X

DATA DE EXPIRAÇÃO: 29/JUN 33

VALIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

1103
HP



REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



REGISTRO CIVIL
DO 17.º SUBDISTRITO - BELA VISTA
Município e Comarca da Capital do Estado de São Paulo

CASAMENTO

(N.º 24.619.-)

Guilherme de Abreu Castello Branco

OFICIAL DO REGISTRO CIVIL

CERTIFICO que, à fls. 20 do livro B-n.º 106.-, de registro de casamentos, foi lavrado hoje, o assento do matrimônio de -ONCFRE PINTO.- E - IDALINA

MARIA CHAGAS.- (SOLTEIROS).-

contrato perante o M. Juiz de Casamentos em exercicio MIGUEL SORRENTINO

RIZZO.- e as testemunhas constantes do termo.

Ele, nascido EM JACUPIRANGA, NESTE ESTADO.- aos 26.-

de JANEIRO.- de 1937.-, profissão INDUSTRIARIO.-

domiciliado e residente NESTA CAPITAL.-

filho de JULIO DO ROSARIO.-

domiciliado e residente NESTA CAPITAL.-

e de D. MARIA PINTO DO ROSARIO.-

domiciliada e residente NESTA CAPITAL.-

Ela, nascida EM JACUPIRANGA, COM. IGUAPE, NESTE ESTADO.- aos 7.-

de JULHO.- de 1933, profissão PRENDAS DOMESTICAS

domiciliada e residente NESTA CAPITAL.-

filha de ANTONIO DOMINGUES CHAGAS.-

domiciliado e residente NESTA CAPITAL.-

e de D. FELICIA ANTUNES CHAGAS.-

domiciliada e residente NESTA CAPITAL.-

a qual passou a assinar-se -IDALINA MARIA PINTO.-

Foram apresentados os documentos a que se refere o artigo 180, ns. I-II-E-IV.- do Código Civil. - Observações: REGIME COMUNHÃO DE BENS. 19/11/1966

CARTÓRIO
RUA AGUIAR DE BARROS 61
TELEFONE, 33-1018
EXPERIMENTE
DIAS ÚTEIS DAS 9 AS 17 HS.
DOMINGOS E FERIADOS
DAS 9 AS 12 HS.

O referido é verdade e dou fé.

17.º Subdistrito, Bela Vista, 19 de NOVENBRO de 1966

O Oficial,

Reconhecer a firma
no Tabelião Ubaldino

107 D...

ISENTA DE SELA
DECR. Nº 467 DE



17º REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

BELA VISTA - DA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO
Rua Rui Barbosa, 647 - CEP.: 01326-010 - Fone: 289-4392

Enéas Bortz
Oficial

11.09
769

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que, no livro C nº 40, às folhas 260, sob número 53, consta o assento de óbito de ONOFRE PINTO, do sexo masculino, militar, casado, nascido no dia 26 de janeiro de 1937, em Jacupiranga, SP., falecido no período de 02 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, filho de JULIO DO ROSÁRIO e MARIA PINTO DO ROSÁRIO.

Registro lavrado em 09 de fevereiro de 1996, nos termos da Lei nº 9.140/95.

Requerente: IDALINA MARIA PINTO.

Observações: Era casado com IDALINA MARIA PINTO (Bela Vista). Deixou uma filha de nome KATIA ELISA PINTO, nascida no dia 7/06/1967. Não deixou bens nem testamento.

O referido é verdade e dou fé.

São Paulo, 09 de fevereiro de 1996.

[Signature]
Marco Antonio Greco Bortz
substituto do oficial

Reconheço a firma de Marco Antonio Greco Bortz e dou fé.
São Paulo, 09 de fevereiro de 1996.
Em testemunho, da verdade.

[Signature]
ALBERTO BORGES DA SILVA
Substituto

Cota/recibo
Certidão R\$ 08,65
R. Firma R\$ 00,76
Total R\$ 09,41

24.ª TABELA DE NOTAS DA CAPITAL
TULLIO FORMICOLA

Rua Senador Fojó, 155 - Fone: 925-7893
AUTENTICADO: Atestamos a veracidade dos dados constantes neste assento de óbito.

no dia 14 de FEV de 1996

com Test. *[Signature]* An. *[Signature]*

ALMO BATISTA CLARET GUARDA

Substituto
Rua Rui Barbosa, 647 - CEP.: 01326-010 - Fone: 289-4392

41.05
7/01

DOSSIÊ DO DESAPARECIDO POLÍTICO

ONOFRE PINTO

Dirigente da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), organização política e clandestina à época da ditadura. Nasceu em 26 de janeiro de 1937, no município de Jacupiranga, no Estado de São Paulo, filho de Júlio do Rosário e Maria Pinto do Rosário. Ex-sargento do Exército Brasileiro. Casado com Idalina Maria Pinto, com quem teve um filha. Iniciou seus estudos em sua cidade natal. Mudou-se para São Paulo, onde ingressou no Exército e formou-se em Contabilidade.

Desaparecido em julho de 1974, aos 36 anos. Teve a prisão preventiva decretada em 8 de outubro de 1964, pela 2ª Auditoria de Guerra de São Paulo, por sua participação no *Movimento dos Sargentos*. Foi preso em 2 de março de 1969 por elementos do DOPS e da 2ª Cia. PE. Seu banimento do Brasil ocorreu em setembro do mesmo ano, quando do seqüestro do embaixador americano no País. Viajou para o México com outros 14 presos políticos. Sempre ligado ao movimento, esteve em diversos países, residiu em Santiago (Chile) e Buenos Aires (Argentina). Desapareceu em julho de 1974, quando voltou clandestinamente ao Brasil com um grupo de quatro militantes (três brasileiros e um argentino).

Seu nome consta na listagem dos desaparecidos políticos reconhecidos pela Lei Federal 9.140, de 04/12/95, e também no livro "Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos", página 359, editado pela Cia. Editora de Pernambuco em 1995 (cópia anexa).

Através de matérias publicadas em veículos de grande circulação (jornais e revistas), soube-se que os arquivos policiais possuíam registros detalhados com grande quantidade de informações a respeito de Onofre e de outros desaparecidos, bem como suas movimentações dentro e fora do país, projetos e planos (anexa cópia de matéria publicada no *Jornal do Brasil* em 21/1/92).

Fala-se também de uma ex-militante da VPR, conhecida como Ana Barreto Costa, cujo o nome verdadeiro é Maria Madalena de Azevedo que teria sido o último contato com Onofre, em Buenos Aires, no ano de 1974. Suspeita-se ela seja uma das responsáveis por sua captura pela polícia. Em depoimento à Comissão Especial da Câmara dos Deputados que investigava o desaparecimento de 144 presos políticos, em novembro de 1992, Maria Madalena e seu marido, Gilberto Giovaneti, confessaram terem sido aliciados pelos militares antes do desaparecimento de Onofre colaborado com os órgãos de repressão durante vários anos, espionando seus companheiros de esquerda (anexas cópias de matérias publicadas no *Jornal do Brasil* em 1º e 3/11/92).

ff. Ct
7/11

Em diversos depoimentos às entidades de direitos humanos e à imprensa, o ex-sargento Marival Chaves Dias do Canto, que durante a ditadura trabalhou na Operação Bandeirantes (OBAN) em São Paulo, disse que Onofre Pinto foi executado por ordem do Centro de Informações do Exército (CIE). Segundo ele, Onofre supostamente teria aceitado colaborar com os militares, mas foi eliminado para que sua morte servisse de exemplo à tropa de como seriam tratados os dissidentes.

Marival relatou ainda que a operação que culminou com a morte/desaparecimento do grupo - liderado por Onofre, formado pelos brasileiros Daniel e José de Carvalho, José Lavechia e pelo argentino Enrique Ernesto Ruggia - quando ingressara no Brasil foi coordenado pelo coronel do Exército, Paulo Malhães. (anexas cópias de matérias publicadas no *Jornal do Brasil* em 10/4/93, *Folha da Tarde*, *Diário Popular*, *O Globo* e *Folha de S. Paulo* em 20/11/93).

No semanário *Nosso Tempo*, de Foz do Iguaçu de 5 a 11/02/93, a argentina Lilian Clotilde Ruggia, irmã de Enrique Ernesto Ruggia, contou que após o seu desaparecimento, julho de 1974, numa audição radiofônica da *Voz da América*, ela escutara a informação que um grupo de brasileiros fora abatido na fronteira do Brasil com Uruguai. (anexa cópia de matéria veiculada).

No mesmo jornal, o ex-sargento Marival afirmou ter tomado conhecimento, através de conversas informais com elementos do Centro de Informações do Exército (CIE), de que estava sendo desenvolvida uma operação, desde 1973, para matar Onofre Pinto.

Al 1. Condenado a 5 anos de reclusão pela LSN, passou a viver na clandestinidade. Foi preso em frente a uma drogaria, em Belo Horizonte, em abril de 1975, conforme denúncia de Luis Carlos Prestes. Desde, então, Nestor está desaparecido.

NORBERTO ARMANDO HABEGER

Cidadão argentino.

Secretário-Geral da Juventude Democrata Cristã, na Argentina, em 1964.
Jornalista.

Fundador do Partido Peronista Autêntico, braço político do movimento clandestino Montoneros.

A 30 de julho de 1978, usando passaporte em nome de Hector Esteban Cuello, embarcou na cidade do México, às 14 horas e, em voo da PanAm, chegou ao Rio de Janeiro no dia seguinte.

Seu desembarque no Rio de Janeiro, em 31 de julho, foi confirmado por carta de Oswaldo Camchion, embaixador da Argentina no Brasil, afirmando estar registrada a entrada no País de uma pessoa com o nome de Hector Esteban Cuello.

Desde então Norberto não mais foi visto, tendo seu seqüestro ocorrido entre 31 de julho e 3 de agosto, no Brasil.

Gestões junto às autoridades brasileiras nada esclareceram sobre o paradeiro de Norberto, constando que teria sido "trocado" com o governo argentino por um brasileiro preso naquele País.



ONOFRE PINTO

Dirigente da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA (VPR).

Nasceu aos 26 de janeiro de 1937 em Jacupiranga, Estado de São Paulo, filho de Júlio Rosário e de Maria Pinto Rosário.

Desaparecido aos 36 anos.

Ex-sargento do Exército Brasileiro.

Seu prontuário nos arquivos do antigo DOPS/SP registra que Onofre teve seus direitos políticos cassados pelo Ato Institucional nº1 e sua prisão preventiva decretada, em 8 de outubro de 1964, pela 2ª Auditoria de Guerra de São Paulo, por sua participação no "Movimento dos Sargentos".

Foi indiciado em IPM instaurado pela 2ª Auditoria da 2ª RM em 2 de fevereiro de 1966.

Foi preso no dia 2 de março de 1969 por elementos do DOPS e da 2ª Cia-PE.

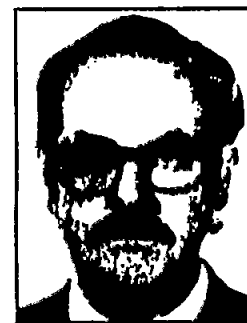
Foi banido do Brasil em setembro de 1969, quando do seqüestro do embaixador americano no País, e viajou para o México com outros 14 presos políticos.

Ainda dos registros policiais consta que, "Informação do II Exército de 29/01/70, esclarece que Onofre Pinto ... teria a intenção de retornar ao Brasil... em princípios de fevereiro de 1970". E completa os dados: "O Ministério do Exército nos cientificou que provavelmente o marginado encontrar-se-ia no Chile." Mais adiante, outras informações ratificam o quanto se encontrava "cercado" pelos policiais: "A CIOP, em 2/7/73, nos cientificou o seguinte: 'A carteira de identidade de Francisco Wilton Fernandes, emitida pelo Instituto Nacional de Identificação do Departamento de Polícia Federal, Brasília, em 17/05/73, RG nº 104.947, estaria de posse de um aparelho de subversivos brasileiros em Santiago do Chile. Segundo informante, a referida carteira deverá ter a fotografia substituída pela de Onofre Pinto.'"

"O Ministério da Aeronáutica, em 1/8/73 nos cientificou que o ex-sargento do Exército Onofre Pinto... reside em Santiago do Chile no seguinte endereço..."

"Relatório de Plantão de 29/6/74, nos científica que através do Rádio nº 3749, proveniente da DPF, fomos solicitados a observar os indivíduos Onofre Pinto e Daniel José de Carvalho, que se dirigem para São Paulo, procedentes do Uruguai..."

Desapareceu em julho de 1974, quando tentava entrar clandestinamente no Brasil com um grupo de banidos.



ORLANDO DA SILVA ROSA BONFIM JÚNIOR

Militante do PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB).

Filho de Orlando da Silva Rosa Bonfim e de Maria Gasparini Bonfim, nasceu no dia 14 de janeiro de 1915, em Santa Tereza, Espírito Santo.

Fez seus primeiros estudos em Vitória.

Mudando-se para Belo Horizonte, fez o curso de Direito na UFMG e exercia as atividades de jornalista no "Estado de Minas", jornal de grande circulação, do qual, ainda jovem, foi Secretário. Foi jornalista até 1964, quando

o jornal que dirigia no Rio, "Novos Rumos", foi fechado. Orlando foi eleito vereador em Belo Horizonte nas eleições de 1946, tendo sido líder do seu partido, o PCB.

Foi um dos signatários do Manifesto dos Mineiros e passou a dirigir jornais partidários e a advogar gratuitamente. Em 1958 mudou-se para o Rio de Janeiro, e começou a trabalhar na "Imprensa Popular".

Uma das participações mais marcantes de Orlando foi na greve dos Operários do Morro da Mina, que durou 43 dias. Orlando atuou como advogado dos operários, morou

1107
1107

Delegado Fleury seria assassinado por exilados

José Mitchell

PORTO ALEGRE — Circular do III Exército, datada de 22 de julho de 1974 e sem assinatura, pedia ao governo argentino a captura do líder nacional da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), Onofre Pinto, e de Daniel José de Carvalho, ambos exilados naquele país. Segundo a circular, que integra o arquivo secreto do Dops gaúcho aberto ao público pelo governador Alceu Collares, Onofre e Daniel viam ao Brasil para uma missão secreta: seqüestrar ou matar o então temido e poderoso diretor do Dops paulista, delegado Sérgio Paranhos Fleury, além de um oficial do Exército.

Onofre e Daniel fazem parte da lista de 144 desaparecidos políticos brasileiros. Eles foram vistos pela última vez 11 dias antes da expedição da circular do III Exército, quando saíram com um grupo de seis pessoas do Hotel Burnes, em Buenos Aires, prontos para viajarem para o Brasil. Já foram descobertos outros três documentos do Exército (todos anteriores a 11 de julho), comprovando que as atividades da VPR no exterior eram vigiadas.

O desaparecimento de Onofre é um dos maiores mistérios para seus colegas da VPR. O surgimento dos documentos do Exército levou sua mulher, Idalina Maria Pinto, a fazer um apelo para que a ajudem na localização do marido. Ela desconfiava do envolvimento de uma ex-integrante da VPR, conhecida como Ana Bastos, que mora em São Paulo e a quem Idalina acusa de traidora. "Só pode ter sido esta Ana Bastos quem entregou Onofre às autoridades", acusa.

A missão de Onofre era desconhecida por Idalina, que não tinha envolvimento político. "Ana Bastos é a personagem



Fleury: alvo da VPR

chave do mistério do desaparecimento de Onofre. Ela era o principal contato de Onofre, o pombo-correio que vinha e ia a São Paulo, onde era estudante de Filosofia da USP. Tentei de tudo mas nunca consegui esclarecer o sumiço do meu marido, que saiu com destino ao Brasil no dia 11 de julho de 74. E esta Ana sumiu depois da Anistia. Foi esta moça quem levou Onofre à morte", contou.

Os documentos do Exército, no meio dos arquivos secretos gaúchos, fornecem os primeiros dados oficiais sobre Onofre, desde seu desaparecimento. Três documentos originários do Centro de Informações do Exército, um dos quais é uma circular assinada pelo então chefe do Estado Maior do III Exército, general Mário Humberto Galvão Carneiro da Cunha, pedem a prisão de Onofre. Exilado, ele viria ao Brasil cumprir uma operação que "segundo conversas entre elementos de grupos subversivos no Uruguai, é de muita importância".

JORNAL DO BRASIL
21/1/92

JORNAL DO BRASIL

21/1/92

11.08
Jm

Casal de ex-guerrilheiros confessa traição

JOSE MITCHELL

PORTO ALEGRE — A comissão especial da Câmara dos Deputados que investiga o desaparecimento de 144 presos políticos durante a ditadura militar está de posse de um sigiloso e bombástico depoimento de um casal de ex-guerrilheiros. Eles confessam que foram cooptado pelos órgãos de repressão e, durante vários anos, trabalharam em informação e contra-informação no exterior e no Brasil, espionando ex-companheiros de esquerda.

O depoimento da professora paulista Maria Madalena Lacerda de Azevedo e de seu marido, Gilberto Giovanetti, foi entregue, na forma de relatório, em São Paulo, ao advogado Luiz Eduardo Greenhalgh. O texto servirá de base para o testemunho do casal à comissão da Câmara, a ser marcado em breve.

O depoimento de Maria Madalena — nome verdadeiro de Ana Barreto Costa, ex-integrante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) — cresce de importância por trazer à tona um dos maiores mistérios da repressão: o sumiço de líder nacional da VPR, Onofre Pinto, que desapareceu com mais quatro pessoas a

caminho do Brasil, depois de sair de Buenos Aires em 11 de julho de 1974. Os cinco provavelmente foram mortos na viagem.

Segundo a mulher de Onofre, Idalina Pinto, Maria Madalena era o único contato da VPR no Brasil com Onofre, quando este estava exilado em Buenos Aires, até sua volta, passando pelo Uruguai. Em seu relatório, Maria Madalena confirmou ter sido aliciada pelos militares antes do desaparecimento de Onofre. Mas ela e o marido, que pertenciam à organização Ala Vermelha, negam totalmente a responsabilidade pelo sumiço do guerrilheiro, apesar de uma série de detalhes que levaram a viúva a acusá-la nos últimos 18 anos.

Curso — O depoimento do casal a Greenhalgh, na presença de dois ex-companheiros de luta de Onofre — Pedro Lobo de Oliveira e Dulce Maia — e de Suzana Lisboa, representante da comissão de parentes de desaparecidos políticos, foi o ponto final de um longo caminho de suspeitas, acusações e desencontros, iniciado após o sumiço de Onofre. Maria Madalena admitiu ter atuado com Onofre no Chile e na Argentina, ter treinado guerrilha em Cuba e ter tentado



Onofre Pinto

fugir para o exterior, quando foi presa em Curitiba pelo Exército.

Madalena diz ter sido levada para o DOI-Codi e para um sítio em São Paulo, onde foi torturada, até que o coronel conhecido como Doutor Ney (já falecido) propôs que ela e o marido passassem a colaborar com a repressão. Madalena e Gilberto contam que fizeram, em Brasília, um curso de informações e contra-informações e passaram a cumprir uma série de missões para os militares no exterior, recebendo salário mensal que era entregue por militares em locais previamente combinados.

O casal tinha, como principal objetivo, convencer companheiros de guerrilha a voltar ao Brasil. Idalina lembra que foi Maria Madalena

quem garantiu a Onofre que poderia voltar em segurança ao Brasil. Mas ambos negam que qualquer pessoa tenha sido presa por causa das informações que eles passavam aos militares. Madalena e Gilberto alegam que conseguiram enganar a repressão, o que foi recebido com reticências pelos que ouviram os depoimentos. "Ela não contou tudo o que sabe e fez. E quem conhece o setor sabe que os órgãos de repressão só enviam a exterior agentes de absoluta confiança. Não acredito que ela não tenha responsabilidade pelo desaparecimento de Onofre e de outras pessoas", afirma Greenhalgh.

Pedro Oliveira, que ouviu o depoimento, também acha difícil acreditar na inocência de Maria Madalena. "Já está comprovado que ela era uma traidora e continuou servindo à ditadura por vários anos." O depoimento resultou de uma coincidência: Greenhalgh foi advogado dela por sete anos, com a incumbência de trocar seu nome clandestino pelo nome verdadeiro em toda a sua documentação.

A confissão do casal levou Greenhalgh a deixar de ser advogado de Maria Madalena. Com a concordância do casal, que se dispôs a depor na Câmara, o advogado encaminhou seu depoimento aos deputados Nilmário Miranda e Sigmaringa Seixas, para

que nos próximos dias seja marcado o depoimento formal.

No dia 11 de julho de 1974, no hotel Burnes, em Buenos Aires, o líder militar da VPR, Onofre Pinto, nervoso, se despediu da mulher, Idalina, e viajou para o Brasil com um grupo de quatro pessoas. "Se tudo der certo, mando te buscar e vamos viver em São Paulo", prometeu Onofre. Mas, após a saída de Buenos Aires, eles nunca mais foram vistos. Onofre teria viajado com uma missão importante; talvez matar o todo-poderoso diretor do Dops paulista, delegado Sérgio Paranhos Fleury, como garante um relatório secreto do Exército, de 22 de julho de 74, que alertava a rede do Serviço Nacional de Informações e pedia sua prisão.

A localização do relatório entre os documentos secretos dos Dops gaúchos, divulgado em janeiro pelo JORNAL DO BRASIL,

comprova o estreito acompanhamento pelos órgãos de repressão da movimentação de Onofre no exterior — um dos motivos das suspeitas que recaíram sobre Maria Madalena, principal contato de Onofre na Argentina.

O Exército, de acordo com outro do-

cumento secreto revelado pelo JB, sabia não só a descrição física de Onofre (bigodes, cabelos fartos, etc), como tinha dados sobre sua falsa carteira de identidade, em nome de Francisco Wilton Fernandes, expedida em Brasília sob nº 104947. O grupo que viajou era integrado por Onofre, pelos irmãos Daniel e Joel de Carvalho, por outro brasileiro, com problemas mentais, conhecido como Vitor, e por um jovem argentino de 18 anos, Enrique Ernesto Ruggia. Este admirava Joel como um Che Guevara e dispôs-se a viajar para o Brasil numa aventura.

Uma série de detalhes deram a Idalina convicção de que foi Maria Madalena quem traiu Onofre. "Ela era o único contato dele com o Brasil e lhe garantiu que havia segurança para viajar. Depois que ele desapareceu, ela me procurou em Buenos Aires para dizer que não adiantava

esperar porque ele estava morto. Agora, neste depoimento, sofre de amnésia e diz que nada sabe." Idalina recorda que Maria Madalena prometeu, na época da anistia, de lhe dar "segurança em São Paulo porque tinha a proteção de um amigo que era coronel".

Madalena é apontada como responsável pelo sumiço de Onofre, líder da VPR

Greenhalgh deixou a causa depois de ler o depoimento entregue à Câmara

11.07
11/11/92

3-11-92

Ex-guerrilheiro quer ouvir traidora

■ Líder da VPR acha que interrogatório pode esclarecer o sumiço de militantes

JOSÉ MITCHELL

PORTO ALEGRE — O ex-líder nacional da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), João Carlos Bona Garcia, defende que a ex-guerrilheira Maria Madalena Lacerda de Azevedo deve ser submetida a interrogatório mais aprofundado sobre sua traição aos companheiros e sua colaboração com a ditadura militar.

Surpreso com a confissão feita por Maria Madalena, Garcia acha que o depoimento dela "poderá ser o fio de meada para se saber quem voltou ao Brasil e quem sumiu". Ele acredita que uma nova investigação poderia dar pistas sobre o desaparecimento de Onofre Pinto, líder da VPR desaparecido em 1974, e José La Vecchia, também integrante da organização.

Maria Madalena entregou um relatório a seu ex-advogado, Luiz Greenhalgh, em São Paulo, admitindo ter sido cooptada pelos militares e ter atuado vários anos na espionagem de seus colegas guerri-

heiros. O depoimento foi encaminhado à comissão especial da Câmara dos Deputados que investiga o desaparecimento de 144 presos políticos durante o regime militar. Ela nega, entretanto, que tenha qualquer relação com o sumiço de Onofre ou de qualquer outro militante.

Viagem — La Vecchia, que era conhecido pelo apelido de *Zé Sapateiro*, era grande amigo do capitão Lamarca, fundador da VPR. Ele estava em Buenos Aires com Onofre Pinto e voltaria com ele para o Brasil, mas não viajou. Onofre saiu da capital argentina no dia 11 de julho de 1974, acompanhado de quatro pessoas — os irmãos Daniel e Joel de Carvalho, outro brasileiro conhecido como Vitor e um jovem argentino de 18 anos, Enrique Ernesto Ruggia. Depois dessa data, Onofre não foi mais visto.

Uma amiga comum, a chilena Marta, poucos dias após o desaparecimento de Onofre, ligou para casa de La Vecchia, em Buenos Aires. Quando começaram a se falar, no

entanto, ele gritou que a repressão tinha chegado. Do outro lado da linha, Marta só ouviu o telefone balançando e batendo contra a parede. Vecchia também sumiu por completo.

Bona Garcia diz que, na época, suspeitou-se que a responsabilidade pelo desaparecimento de Onofre era do cabo Anselmo (líder militar da VPR antes de Onofre). Para ele, é "muito estranha" a alegação de Maria Madalena — atualmente professora estadual e municipal em São Paulo —, de que não teve responsabilidade pelo sumiço de Onofre. "Era uma traidora, como se sabe agora, e é triste que existam pessoas que compactuaram com a repressão e traíram companheiros."

Tanto Bona Garcia quanto Suzana Lisboa — representante da comissão de parentes de desaparecidos políticos — acham importante se conseguir mais detalhes. Também sumiram na Argentina Edmur Péricles Camargo, João Batista Rita e o major Cerveira.

Casal era pago para espionar

Em depoimento escrito, Maria Madalena Lacerda de Azevedo e seu marido, Gilberto Giovanetti, ex-integrante da organização Ala Vermelha, dizem ter sido levados para o DOI-Codi e para um sítio em São Paulo, no início dos anos 70, onde foram torturados, até que o coronel conhecido como *Doutor Ney* (já falecido) propôs que o casal passasse a colaborar com a repressão.

Madalena e Gilberto contam que fizeram, em Brasília, um curso de informações e contra-informações e passaram a cumprir uma série de missões para os militares no exterior, recebendo salário mensal que era entregue por militares em locais previamente combinados. O casal tinha como principal objetivo convencer companheiros de guerrilha a voltar ao Brasil. (J.M.)

14-92
1992

44-33
JEP

Exército deu um sumiço em documentos, diz ex-sargento

Marival Chaves revelou que o DOI-Codi de São Paulo matou guerrilheiros no Paraná

O ex-sargento Marival Chaves disse ontem à Comissão Especial de Desaparecidos Políticos da Câmara que, antes da saída do general Sílvio Frota do Ministério do Exército, em 1977, muitos documentos relacionados com a repressão política foram destruídos para dificultar futuras investigações.

Chaves afirmou também que, em 1974, o Exército e o DOI-Codi de São Paulo mataram cinco militantes da luta

armada depois de atraí-los para uma armadilha no interior do Paraná. O grupo pensava que participaria de um núcleo de guerrilha em Medianeira (PR), mas na verdade era uma operação preparada pelos órgãos de repressão.

Além das novas informações que repassou aos deputados, o ex-sargento do Exército confirmou todas as declarações suas publicadas pela revista "Veja" desta semana.

O grupo de militantes supostamente mortos na armadilha revelada por Chaves era liderado por Onofre Pinto, um ex-sargento do Exército. Os outros quatro mortos eram Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, José Lavechia e Vítor Carlos

da Silva. Vítor não aparece nas listas de desaparecidos.

O chefe da suposta operação que terminou com a morte dos cinco guerrilheiros foi o coronel Paulo Malhães, do Exército. Chaves disse não saber onde estariam os corpos dos cinco guerrilheiros.

O delegado Nelson Guimarães determinou ontem a suspensão das buscas aos corpos de oito presos políticos que teriam desaparecido no rio Novo e na represa Jurumirim, em Avaré (SP).

Guimarães afirmou que as buscas somente serão retomadas quando o ex-sargento Marival Chaves comparecer a Avaré para apontar os locais onde os corpos teriam sido atirados.

DIÁRIO POPULAR

20/11/92

PAG. 3

Ex-sargento revela mais 5 assassinatos da repressão

BRASÍLIA — O ex-sargento do Exército Marival Dias Chaves revelou ontem os nomes de mais cinco presos políticos mortos por órgãos de repressão durante o regime militar. A revelação foi feita durante depoimento à Comissão Externa da Câmara dos Deputados que investiga o desaparecimento de presos políticos. O ex-sargento contou aos parlamentares detalhes da captura, interrogatório e morte de Onofre Pinto, Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, José Lavechia e Vítor Carlos da Silva. Este último não estava sequer na lista de desaparecidos da comissão.

Com as novas revelações, subiu para 22 o número de assassinatos denunciados por Marival. Em seu depoimento, ele disse também que quando o general Sílvio Frota deixou o Ministério do Exército, exonerado pelo presidente Ernesto Geisel, determinou a destruição da maior parte dos documentos relativos à atividade de repressão exercida pela instituição.

As equipes de buscas que estão em Avaré procurando corpos de presos políticos que, segundo relato de Marival, teriam sido jogados no rio Jurumirim devem suspender as buscas.

Até o momento, nada foi encontrado e a equipe quer levar o ex-sargento para Avaré, na próxima semana, para que ele indique o local exato da desova de cadáveres.

O ministro da Justiça, Márcio Corrêa, descartou a possibilidade de abrir inquérito para apurar as denúncias feitas pelo ex-sargento Marival. Corrêa disse que esses crimes foram anistiados pela Constituição e o Governo, segundo Corrêa, vai dar todo o apoio para identificar os desaparecidos e comprovar suas mortes, para que as famílias possam ser indenizadas pela União.

17-12
JJP

Ex-sargento acusa Frota de ter destruído arquivos

Leopoldo Silva

BRASÍLIA — O ex-sargento Marival Chaves, que foi agente do Doi-Codi, disse ontem à Comissão de Desaparecidos Políticos da Câmara dos Deputados que os documentos sobre operações clandestinas executadas pelos órgãos de informação foram destruídos em 1977, quando foi demitido o então ministro Silvío Frota. Frota teria ordenado a eliminação dos arquivos temendo que o governo Geisel promovesse uma devassa.

A denúncia de Chaves mostra que muitos detalhes do desaparecimento de presos políticos não virão à tona. Ele disse que entre os torturadores existia um pacto de silêncio para não contar quem matava, só quem morria. As operações eram setorizadas e os comandantes tinham autorização para matar.

Um dos casos mais polêmicos da história política recente do país foi tratado por Chaves. Ele revelou que o panfleto divulgado em 1980, com uma foto da mulher do então candidato a governador de Pernambuco, senador Marcos Freire, e o então deputado federal Fernando Lyra nus sobre a cama de um motel foi impresso na gráfica da Escola Nacional de Informações (Eni), em Brasília. Os panfletos foram usados, dois anos depois, para derrubar a candidatura de Freire ao governo de Pernambuco em 1982.



Marival Chaves (à direita) depõe, tendo ao lado o deputado Nilmarío Miranda

Ao saber das declarações do sargento, Fernando Lyra não escondeu a indignação e disse:

— Todos esses fatos revelam a face nojenta dos regimes ditatoriais. Estes fatos fazem com que tenhamos a obrigação de enraizar cada vez mais o regime democrático, para que estas mazelas nunca mais aconteçam.

Chaves deu detalhes também sobre o desaparecimento de cinco ex-militantes da luta armada em 1974: Onofre Pinto, Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, José Lavecchia e Vítor Carlos da Silva. Os cinco teriam sido atraídos pelo ex-sargento Alberi Vieira, da Brigada

Militar do Rio Grande do Sul, que era um agente infiltrado, para uma armadilha na região de Medianeira (Paraná), onde funcionaria uma base de guerrilha. Já chega a 22 o número de presos mortos apontados por Chaves.

O ex-sargento deu informações ainda sobre o sumiço de dois outros militantes do PCB: Davi Capistrano e José Roman. Os dois saíram de Paso de Los Libres (Uruguai), estiveram em Uruguaiana (RS) num fusca e depois sumiram. Segundo Chaves, eles foram presos pelo Doi-Codi paulista e conduzidos pelo major Brand, do Ciex.

FOLHA DE SÃO PAULO
20/11/92
PAG. 11

TORTURA Documentos da repressão desapareceram, diz ex-sargento

Da Sucursal de Brasília

O ex-sargento Marival Chaves disse ontem à Comissão Especial de Desaparecidos Políticos da Câmara que, antes da saída do general Silvío Frota do Ministério do Exército, em 1977, muitos documentos relacionados com a repressão política foram destruídos para dificultar investigações.

Chaves afirmou também que, em 1974, o Exército e o Doi-Codi de São Paulo mataram cinco militantes da luta armada depois de atraí-los para uma armadilha no interior do Paraná. O grupo pensava que participaria de um núcleo de guerrilha em Medianeira (PR), mas na verdade era uma operação preparada pelos órgãos de repressão.

O grupo de militantes supostamente mortos na armadilha revelada por Chaves era liderado por Onofre Pinto. Os outros quatro mortos eram Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, José Lavecchia e Vítor Carlos da Silva.

De acordo com a versão de Chaves, Pinto foi atraído para a armadilha por Alberi Vieira, um ex-sargento da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, que atuaria como agente duplo da repressão e dos grupos armados de esquerda.

44-53
JMF

Exército eliminou líder guerrilheiro

■ Ex-agente revela que Onofre foi executado em 74 para servir de exemplo à tropa

JOSÉ MITCHELL

Nestor Muller/A Gazeta - 15.11.92

PORTO ALEGRE — O ex-sargento do Exército Marival Chaves Dias do Canto, que durante a ditadura serviu nos órgãos de repressão, revelou que o guerrilheiro Onofre Pinto, também ex-sargento e líder da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) desaparecido em 1974 e suspeito de traição, foi executado por ordem do Centro de Informações do Exército (CIE). Marival, que está escrevendo um livro sobre o episódio, confirmou que Onofre aceitou colaborar com os militares, mas foi eliminado para que sua morte mostrasse à tropa como seriam tratados os dissidentes.

Marival tem uma folha de 17 anos de serviços prestados à repressão: Operação Bandeirante (Oban), Doi-Codi do II Exército, Polícia do Exército, e novamente Doi-Codi. Ele especializou-se em análise operacional dos grupos de esquerda e conta que Onofre "realmente decidiu aderir aos militares para não morrer, depois que ele e seu grupo foram presos em Medianeira, no Paraná, atraídos para uma armadilha montada pelo CIE e pelo batalhão do Exército de Foz do Iguaçu, mas logo depois a cúpula do CIE mandou que ele fosse executado por ter sido militar".

No ano passado, em entrevista à revista *Veja*, o ex-sargento Marival revelou que muitos dos 144 presos políticos tidos como desaparecidos durante a ditadura foram mortos nas câmaras de tortura e esquartejados. Os militares teriam enterrado os restos em diferentes locais, para que nunca fosse identificados.

A infiltração dos agentes da ditadura nos grupos de esquerda seria um dos capítulos do livro de Marival, que relata um dos mais obscuros episódios dos anos de chumbo — o desaparecimento de Onofre Pinto e de mais quatro pessoas quando vinham clandestinamente da Argentina para o Brasil em julho de 1974.

Captura — No ano passado, documentos secretos do Dops gaúcho divulgados pelo JORNAL DO BRASIL revelaram que o Exército sabia da movimentação do grupo de Onofre, líder militar da VPR no



Marival revela trações em livro e conta como a direita se infiltrava nos grupos de esquerda



Onofre: CIE ordenou execução

exterior, inclusive dos nomes e identidades falsas que utilizavam. Havia a expectativa de que entrassem no Brasil pelo Uruguai, mas foi através do Paraguai que os guerrilheiros cruzaram a fronteira.

Com base numa conversa com um dos militares que teve participação direta na captura e morte do grupo de Onofre, o ex-sargento Marival revela que Onofre, os irmãos Daniel e José de Carvalho, José Lavechia e um argentino —

posteriormente identificado como Ernesto Ruggia — foram atraídos a um sítio em Medianeira por outro membro do grupo, o também ex-sargento Albery Vieira dos Santos, que como Onofre é suspeito de ter traído seus companheiros da esquerda.

Após confirmar que Albery estava mesmo infiltrado, o ex-sargento Marival disse que logo após a prisão do grupo, todos foram executados, com exceção de Albery e Onofre. "O Onofre resolveu aceitar a oferta de se infiltrar nos grupos de esquerda para não morrer. Mas logo depois a cúpula do CIE decidiu que fosse morto também, para servir de exemplo contra eventuais tentativas de traição nos meios militares", contou.

Marival não revela o nome do colega militar que lhe relatou todo o episódio, mas não sabe quem matou e onde exatamente foram enterrados os corpos dos guerrilheiros da VPR. Provavelmente eles foram sepultados no sítio de Medianeira. Ha poucos dias, Marival conversou longamente pelo telefone com a irmã de Ernesto Ruggia, a argenti-

na Lilia Ruggia, e confirmou as informações que já possuía. Lilia viveu um inferno de mais de 20 anos, por informações desencobertas de entidades de direitos humanos do Brasil e Argentina, que impediam a confirmação da morte do irmão em episódios de repressão política, agora confirmada. Lilia busca, agora, detalhes sobre a localização do sítio (distante 70 quilômetros de Foz do Iguaçu), na tentativa de encontrar os restos mortais do irmão.

A traição, ou não, de Onofre, sempre foi polêmica na esquerda. A viúva e alguns ex-companheiros, como Pedro Lobo, rejeitam a possibilidade de traição, enquanto outros acreditam na infiltração — agora confirmada por Marival — por causa da demora de Onofre em denunciar a traição do cabo Anselmo — o principal agente infiltrado pela ditadura nos grupos guerrilheiros e responsável pela morte de dezenas de companheiros. Segundo Marival, Onofre aceitou trair para não ser morto no momento da prisão, mas não chegou a fazer qualquer ação por ter sido executado.

Livro confirma que Jover traiu PC do B

O livro do ex-sargento Marival Chaves Dias do Canto confirma que Manuel Jover Telles, ex-dirigente do PC do B, era agente infiltrado pelo Exército e revela que seu aliciamento ocorreu um ano antes do massacre da Lapa, chacina ocorrida em 1976 numa casa do bairro da Lapa, na cidade de São Paulo, onde o comitê central do partido estava reunido e foi surpreendido por agentes do Doi-Codi. Segundo Marival, tinha como "controlador" — oficial a quem passava as informações obtidas — o chefe de operações de segurança do I Exército, atual Comando Militar do Leste, no Rio.

A traição de Jover foi revelada no ano passado pelo coronel da reserva Sebastião Curid, ex-agente

do Doi-Codi, em entrevista ao JORNAL DO BRASIL na qual responsabilizou o ex-dirigente do PC do B pelo massacre da Lapa. Jover foi localizado pelo JB vivendo com nome falso numa cidade próxima de Porto Alegre e negou veementemente ter sido traidor.

Marival disse que ficou sabendo do aliciamento de Jover, então membro da cúpula dirigente do PC do B, quando atuava no setor de análises operacionais do Doi-Codi do II Exército, em São Paulo. Jover tinha uma de suas bases de atuação no PC do B no Rio de Janeiro onde "foi preso e aliciado pelo pessoal do Doi-Codi". Ele foi um dos poucos dirigentes que escaparam do massacre da Lapa e escondeu-se no Rio de Janeiro, como admi-

tiu. Negando sempre a traição, ele contou que fugiu depois para o Rio Grande do Sul, onde sob outro nome empregou-se numa indústria de armas.

Ajuda — Segundo o ex-sargento Marival, quando fugiu para o Rio de Janeiro, Jover estava sob controle do chefe de operações do Doi do Rio de Janeiro, que o ajudou na nova vida. Atualmente, Jover mora com uma irmã numa modesta casa de alvenaria numa cidade próxima à capital gaúcha. Ele nega a traição e prometeu escrever um livro sobre sua participação no partido — foi uma das principais lideranças e é autor de um livro sobre sindicalismo.

Outro caso confirmado de traição foi do casal Maria Madalena

Lacerda de Azevedo e Gilberto Giovanetti. Ambos prestaram um depoimento ao advogado Luis Eduardo Greenhalgh, confirmando terem sido aliciados pelo Exército, num documento divulgado ano passado pelo JORNAL DO BRASIL. Mas negaram responsabilidade na prisão e sumiço do grupo de Onofre Pinto em 1974, como acusa a viúva do guerrilheiro da VPR.

"Eu via o casal com frequência em São Paulo, quando estavam sob a coordenação do Doi de São Paulo. Eles faziam relatos verbais e muitos contatos, especialmente com exilados no exterior. Estavam sob controle do coronel Enio Pimentel da Silveira", relatou Marival. (J.M.)

Traição na fronteira

Depois de vinte anos de silêncio, a busca incansável de uma psicóloga argentina traz à luz o desaparecimento de cinco ativistas políticos na região de Foz do Iguaçu. Os fatos ocorridos nos anos 70 revelam marcas de sangue e traição. Histórias como a de Alberly mostram o outro lado daqueles tempos sujos a delação entre os militantes de esquerda.

Depois de 19 anos de buscas, a psicóloga argentina Lilian Clotilde Ruggia, 38 anos, acredita que está mais perto da verdade que envolve o paradeiro de seu irmão. Enrique Ernesto sumiu em 1974, em companhia de um grupo de exilados brasileiros que tentavam voltar ao Brasil, entre eles Onofre Pinto, um dos comandantes da VPR. Informações tomadas num depoimento do ex-sargento Marival Chaves que trabalhou nos órgãos de repressão da ditadura militar dão conta que o grupo teria caído em uma cidade armada por agentes infiltrados no movimento guerrilheiro. Lilian esteve em Foz durante a semana. Aconselhada pelos componentes do Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre, resolveu checar as informações do ex-agente Marival, que diz ter certeza da morte de seu irmão na região.

Enrique Ernesto, tinha 18 anos quando desapareceu. Um pouco antes, em fins de 73, ele havia conhecido Joel Carvalho, um exilado brasileiro que acabava de chegar à Argentina, vindo do Chile, onde estivera exilado até a queda de Allende.

"Nós somos originários de uma localidade que fica perto de Buenos Aires, chamada San Pedro, que abriga os cursos de Veterinária e Agronomia da Universidade. Joel havia sido convidado pelo diretor do campus, a viver ali". Conta Lilian que seu irmão tinha ideias socialistas, mas nenhuma militância orgânica em partidos ou entidades. "Mesmo assim, tocar em Joel era tocar Che Guevara, não é mesmo?", comenta.

Joel voltou a Buenos Aires. Corria o ano de 1974. Lilian trabalhava e estudava. Num dia do mês de julho, Enrique chegou ao seu local de trabalho e lhe disse que viajaria para o Brasil junto com Joel e outras pessoas.

"Me deu um beijo, disse que voltaria em uma semana ou dez dias, que iria fazer uma tarefa política e se foi. Fiquei petrificada. Eu estava num escritório público, a rua cheia de gente... Fiquei assim por um segundo. Quando retomei a ação, me largo pelas escadas, chego na rua, mas nunca mais o vi".

Começava assim a peregrinação de Lilian atrás de notícias do irmão. Nessa época a Argentina vivia um momento político difícil. Peron havia morrido em julho e a direita peronista tomava de assalto o poder e as ruas. A organização Tríplice A, de extrema-direita, fazia suas vítimas entre estudantes e trabalhadores. Qualquer queixa oficial do desaparecimento poderia ser uma delação, ainda mais envolvendo exilados. "Contei ao meu noivo o que havia acontecido. Passamos a procurar entre os papéis de Enrique alguma pista. Encontramos vários endereços de hotéis. Recordamos todos. Mas a resposta era sempre a mesma do que não havia brasileiros ali".

O casal continuou a procurar até que no Cecil Hotel, alugado pela ONU para abrigar exilados, depois de muitas negativas, conseguiram um contato com um brasileiro que se identificou como Jairo de Carvalho, irmão de Joel, e uma mulher que disse ser companheira de um outro irmão, chamado Daniel. Eles confirmaram que Joel, Daniel e Enrique haviam partido juntamente com outras pessoas e que provavelmente teriam vindo ao Brasil.

Loucura - Lilian relata que seus encontros com os exilados brasileiros continuaram até que Jairo mudou-se para Portugal fugindo da repressão que na Argentina recrudescia.

Sem poder fazer qualquer queixa ao governo argentino, ela tenta as entidades de direitos humanos. "Todo mundo dizia para mim que no Brasil não estava acontecendo mais nada, que já haviam matado a todos, e que minha história era meio sem nezo".

Conta Lilian que outro fator que dificultou muito sua procura pelo irmão foi a falta de informação das entidades argentinas da situação dos exilados brasileiros. Eram em número reduzido e estavam só de passagem. Escaparam do Chile passaram pela Argentina rumo ao México, Cuba e Europa.

Para completar o quadro, a falta de militância de Enrique deixava mais dúvidas sobre a veracidade da história



Lilian: 18 anos buscando Henrique.

falando".

Citada - As informações encontradas por Jair Kischke, em suas pesquisas nas pastas do Dops gaúcho, foi a primeira informação objetiva para Lilian. Ele conta que ao procurar nos arquivos, encontrou três fichas de pedido de busca, sobre o grupo. As duas primeiras sobre Onofre Pinto e Daniel Carvalho, e a outra só de Onofre.

A partir dessa informação Jair começa a se interessar mais do assunto. Entra em contato com a viúva de Onofre, Italina Pinto, que lhe faz um relato de quem participava do grupo. Entre esses, ela enumera um rapaz argentino.

A Lilian, o advogado conta que não conseguia encontrar o nome desse argentino em nenhuma lista de brasileiros ou argentinos. "Jair disse que estava desde o dia anterior pensando como encontrar esse nome. Diz que passou a noite quebrando a cabeça por causa disso e logo de manhã, conosco, havia chegado a solução".

Ouvido por Nosso Tempo, Kischke conta que informações obtidas no final do ano passado possibilitam entender melhor o que aconteceu. Para isso, ele enumera depoimentos de colaboradores que serviram ao regime militar e que no ano passado resolveram falar. O primeiro é Marival Chaves, a outra é Maria Magdalena Lacerda de Azevedo.

Marival Chaves, é um ex-sargento que em novembro passado revelou à revista Veja, pela primeira vez, como funcionava o aparelho repressivo brasileiro. Num outro documento, que Jair teve acesso, Marival relata sobre o episódio dos desaparecidos.

que ela contava em cada escritório. "Quando procurava alguma informação, me olhavam e perguntavam se eu não estava louca".

"Parecia um delírio. Eu sou psicóloga e conheço a estrutura do delírio. As vezes penso que era assim que me viam. Porque o delírio é uma história exclusiva do delirante. Não há fatos sociais com outra coisa. Minha história era muito parecida. Ninguém conhecia brasileiros, ninguém conhecia meu irmão, ninguém sabia o que estava acontecendo naquele momento no Brasil, enfim...".

Anos se passaram até que o governo democrático de Alfonsín instalasse a Comissão Nacional de Desaparecidos de Personas - CONADEP. Lilian tentou relatar o que acontecera com o irmão, mas a comissão recusou receber a denúncia. A justificativa que recebeu era a de que só estavam averiguando casos de desaparecidos durante a ditadura militar argentina, fato este, posterior ao desaparecimento de Enrique.

"São questões políticas. É quase que dizer: averi-

guamos a ditadura mas não governos civis, ainda que do partido adversário. Apesar de que o livro editado pela comissão, chamado "Nunca Más", contém três ou quatro denúncias de casos anteriores à ditadura".

Apesar do nome de Enrique não constar dessa edição, está relacionado em entidades de defesa de direitos humanos como o "Das Mães da Plaza de Mayo". — Brasil - No ano de 1984, Lilian tenta outros caminhos. Recorre ao antigo diretor do campus de San Pedro, a quem ela prefere não nomear. Ele havia sido preso durante a ditadura militar e estava saindo em liberdade condicional. Da Europa, onde tinha ido morar, ele lhe manda notícias. Conta que, coincidentemente, havia estado com um exilado brasileiro que habitou o mesmo hotel na época e que dizia que o grupo fora integrado por Onofre Pinto, José Lavecchia, um tal Victor e os dois Carvalhos. Também contou que por essa época, haviam escutado através de uma audição da Voz da América,

que um grupo de brasileiros havia sido abatido na fronteira do Brasil com o Uruguai.

Durante as férias de verão de 83, Lilian e seu marido estiveram com o então presidente da OAB - Porto Alegre, Luiz Goulart, recomendado por um jornalista argentino que esteve exilado no Brasil. Luiz teria se comprometido em averiguar o caso, mas não encontrou nenhuma informação substancial sobre os desaparecidos. Henrique não figurava em nenhuma lista brasileira ou argentina.

No ano passado o casal voltou a Porto Alegre na esperança de conseguir alguma informação. Os jornais davam que os arquivos do Dops gaúcho haviam sido abertos. Seu advogado, no entanto, estava de férias. Através da secretária chegado a outro advogado, Jair Kischke, do Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre.

Dezoito anos depois, aconteceu. Em me atrepiço toda. Contamos para ele a nossa história. E ele disse: tenho aqui o que vocês estão

Os desaparecidos

Onofre Pinto - Nascido em Jacupiranga (SP), em 1937. Sargento do Exército, foi expulso com o golpe de 1964. Militante da VPR, era conhecido como Augusto e Ari. Preso em 1969, liberado em troca do embaixador Elbrick, em setembro de 1969, sendo banido para o México. Depois de morar no Chile, até o golpe de Allende, foi morto em Buenos Aires, em 1974.

Analisando-se a ficha de Onofre nos arquivos do Dops do Paraná, se tem certeza de que o repressão seguia muito bem seus passos no exílio. Conta a ficha por exemplo, sua ida a Cuba para um curso de guerrilha e o que mais chama a atenção a carreira de identidade que Onofre estava usando em 73, quando fugiu do Chile para a Argentina. O nome que constava da carteira, emitida por Brasília, era o de Francisco Wilson Fernandes.

Outro ponto da ficha pede a captura dele em toda a fronteira, em junho de 74, já que ele vivia no Brasil enquanto uma parte de muita importância. Um outro dado interessante é que sua ficha prossegue após o desaparecimento em 74. Datada de 07.01.77, consta a informação de que o "fichado dá apoio no exterior à Anistia Internacional".

José Lavecchia - Nascido em 1919, em São Mateus (RJ), foi militante do PCB e depois da VPR. Era conhecido como Zé Adriano e Nicola. Era sapateiro. Participou da Guerrilha do Vale do Ribeira. Preso por agentes de segurança, foi liberado em troca do embaixador da Alemanha Ocidental, tendo sido banido para a Argélia em março de 1970. Consta no livro da Anistia, editado pela Comissão do Congresso Nacional, que Teodoro Vilela presidiu, que ao tentar retornar ao Brasil, foi morto na fronteira em fins de 1973 ou início de 1974. Segundo o livro, os fatos eram as denúncias do ex-sargento Alberly.

Daniel José do Carvalho - Nascido em Muanari (MG), Motorista e torneiro mecânico. Militante do PCB, depois Grupo Tiradentes e, fi-

nalmente VPR. Era conhecido como Josué. Preso em outubro de 70, pela OBAN, foi barbaramente torturado.

Banido em janeiro de 71 para Sannago do Chile, de onde fugiu após o golpe de setembro de 1973, para a Argentina.

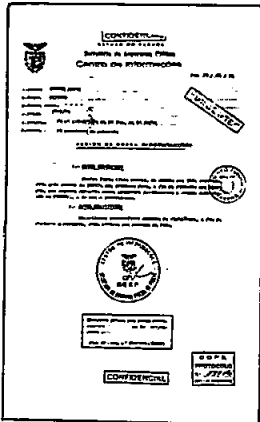
Joel José de Carvalho - Nascido em Muanari (MG), irmão de Daniel. Operário gráfico. Militante do PCB, depois do grupo Tiradentes e VPR, era conhecido também como Gilberio. Preso em outubro de 70 pela OBAN. Banido junto com o irmão para o Chile onde permaneceu até o golpe de setembro de 73. Fugiu para a Argentina.

Enrique Ernesto Ruggia - Argentino, na época com 18 anos. Estudante de Veterinária na Universidade de Buenos Aires. Apesar de ideias socialistas, não havia sido militante em nenhuma entidade ou partido da época.

Observações da lista que Lilian Ruggia conseguiu em conversa com o sargento Chaves, constam mais dois nomes, um tal Victor e Gilberio Faria de Lima. Estes nomes não constam em nenhuma lista de desaparecidos feita no Brasil. Há a hipótese de serem nomes falsos usados por Joel de Carvalho e Lavecchia para entrar no Brasil, já que, segundo o depoimento de Italina Pinto, o grupo era formado por cinco pessoas.

Outro detalhe estranho: as fichas do Dops do Paraná, de Daniel e Joel de Carvalho, assim como a de Onofre, contém informações após a data de seu desaparecimento. Em todos, os procurados estão vivendo exilados no exterior. Com certeza, informações falsas plantadas nas fichas. Mas por quê? Os órgãos já anteviam a possibilidade do arquivo parar em "mãos erradas"? Ou entre os que registraram também haviam segredos nem sempre compartilhados por todos?

O advogado Jair Kischke constata a participação de José Lavecchia no grupo.



ONOFRE PINTO (AUGUSTO, ARA)

Fac-símile do pedido de busca de Onofre Pinto (foto ao lado), datado de 18/06/74, prova que o Centro de Informações do Exército já sabia por seus agentes infiltrados da sua vinda ao Brasil, antes de sua partida da Argentina, em 11/07/74.

Sargento Albery: vida e morte da guerrilha

O passado de Albery é envolto em mistério. Tido como responsável pela queda de grande parte das bases de apoio à guerrilha de 1965 nas mãos da repressão, durante sua passagem pelo cárcere político, não conseguia se integrar aos demais presos. Havia certa desconfiança quanto à sinceridade dele.

Em 1969 passou vários meses na galeria política da Prisão Provisória do Abá, em Curitiba. Dias antes de ser transferido para outra prisão, confidenciou a outro prisioneiro que iria fugir. Pedia contatos fora para se juntar ao movimento armado contra a ditadura. Não conseguiu os contatos devido à desconfiança.

Foi transferido para o Rio de Janeiro, onde cumpria pena na Fortaleza de São João até 1973, quando foi libertado.

Dai foi juntar-se, mesmo em liberdade, aos exilados brasileiros que viviam no Chile. O curto espaço de tempo que esteve naquele país serviu para restabelecer contatos com antigos companheiros do Movimento Nacionalista Revolucionário (1965), já militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), composta quase que exclusivamente de ex-sargentos do Exército brasileiro. Nessa facção existia uma corrente, chamada militarista, que reunia militantes esquerdistas que pregavam a volta à luta armada no início da década de 70. Esse foi o abrigo político de Albery no exterior.

Palmar, atual secretário de Comunicação da Prefeitura de Foz do Iguaçu e, na época, um militante da VPR, Albery "procurou desesperadamente aliciar exilados para recompor os planos de reorganização da luta armada".

Segundo conta Aluizio, o ex-sargento oferecia infra-estrutura, contatos na fronteira do Brasil e Argentina para que o processo fosse retomado. "Conforme os seus planos, o corredor de entrada dos exilados no Brasil seria feito por Posadas, Oberá, San Pedro e San Antonio, na fronteira seca".

Seu plano, no entanto, só foi aceito pelo "grupo militarista" da VPR, que tinha como líder o também ex-sargento Onofre Pinto.

Tido como traidor por ex-companheiros, Onofre carregava a culpa de haver desdenhado sobre as informações que o Cabo Anselmo seria um agente do regime. Foi, mais de um ano ele recusou a aceitar esse fato. Com isso, ajudou, que a organização fosse toda desmantelada.

Isolado, Onofre Pinto tornou público, em 1973 um manifesto, o "Quem samba fica, quem não samba vai embora", pregando o reinício da luta armada contra o regime militar brasileiro.

Os planos de Albery caíram como uma lava para Onofre. Se Albery tinha os contatos e os corredores para o ingresso no país, eles tinham dinheiro, comenta Aluizio. "Esse dinheiro era parte dos dólares apropriados

grupo remanescente da VPR, que desenvolvia um trabalho político e não militar mais ao sul da Argentina, na fronteira com o Brasil".

"Marcamos um ponto mas não compareci, diz Palmar. O motivo do rompimento do contato foi uma conversa animada que, casualmente havia assistido entre Onofre e Albery, na Calle Corticeres". Depois de uma breve conversação num bar, Onofre Albery revelou que estava retornando ao Brasil acompanhado de alguns militantes da VPR, inclusive um que estivera com ele no México.

Fora Albery, que reapareceu em Foz do Iguaçu, usando o codinome de Jair Soares de Lima, os demais foram tragados na área conhecida como triângulo das bermudas. Nessa região muitos desapareceram.

Aluizio tem uma opinião sobre o local onde aconteceu uma emboscada. Para ele, foi em Santo Antonio do Sudoeste, onde Albery dizia ter muitos contatos e, inclusive, uma fachada de entrada para os que viriam da Argentina. Em sua conversa com Aluizio, Albery chegou a dizer que os traria pela Estrada do Colono, até Foz do Iguaçu, sem nenhum perigo.

Isto é locura, disse a ele. Mas ele me reafirmou o esquema era "seguro".

Aluizio arrisca também um palpite para explicar os desaparecimentos e as mortes posteriores.

"Isso com certeza foi

recidos de 1974. Nele o agente afirma que o grupo era comandado por Onofre Pinto e foi vítima de uma cilada.

O ex-sargento conta que tomou conhecimento, através de conversas informais com elementos do Centro de Informações do Exército, de uma operação de informação desenvolvida pelo Exército, em 1973, para matar Onofre Pinto. Tal operação, segundo o documento, teria como agente o ex-sargento Albery Vieira dos Santos, que na ocasião transitava entre os exilados no Chile e na Argentina. O plano consistia em convencer Onofre e outros exilados brasileiros, em voltar para o Brasil e retomar a luta armada. Para convencê-los, era oferecido um fictício campo de treinamento de guerrilha, organizado na região de Foz do Iguaçu.

Além de Onofre Pinto, o documento enumera mais quatro pessoas. José Lavecchia, os irmãos Daniel e Joel de Carvalho, Victor (a única referência é de que seria um médico casado com uma argentina), Gilberto Faria de Lima (codinome Zorro), e um rapaz hispano-americano. Este último, diz Jair, pode ser Enrique Ernesto Ruggia. Na relação dos nomes, o advogado contesta a presença de José Lavecchia. Segundo ele, há fontes seguras de que Lavecchia continuou na Argentina, onde foi preso mais tarde.

Segundo Jair, no documento, Marival Chaves deixa claro o que aconteceu com o grupo. Todos foram mortos, com exceção de Onofre Pinto. Conforme os termos empregados no documento, Onofre foi "cançado" para atuar como agente infiltrado do CIEX. Em troca teria sua vida poupada. O guerrilheiro teria aceito e pedido para ir até o Paraguai. Neste ínterim, o Comando do CIEX foi consultado e determinou a sua eliminação. Para Marival, a eliminação foi decidida a partir da sua condição de ex-quadrado do Exército. Uma espécie de exemplo para possíveis defeções na tropa. Onofre teria sido morto em Foz do Iguaçu.

De acordo com o documento que Marival escreveu, os corpos não estão no cemitério de Medianeira. A partir dessa informação, pode-se pensar que tenham sido "desovados" no Parque Na-

cional do Iguaçu. Ainda no documento, Marival explica que Albery teria sido morto posteriormente, numa espécie de queima de arquivo. Segundo suas informações, o CIEX teria lhe dado proteção inicialmente. Problemas de ordem disciplinares, no entanto, teriam provocado a sua morte.

Sobre o telegrama enviado à senhora Idalina Pinto, 3 dias depois da partida do marido, Jair Krischke não tem dúvidas de que fosse uma peça de contra-informação.

"Isso era um hábito da dita comunidade de informação. Era uma forma de neutralizar possíveis buscas da família. Há relatos de familiares que receberam telegramas e telefonemas durante anos, acreditando na existência de seu parente desaparecido".

Infiltrados - As informações que o CIEX obtinha dos exilados, em especial de Onofre Pinto, viriam do Uruguai. Jair Krischke, defende esta hipótese, afirmando que vários documentos do arquivo do Dops gaúcho, pesquisados pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre confirmam isso.

Para o advogado gaúcho, estava montada uma estrutura de informação que incluía "agentes de cama e mesa". Senão, como explicar o conhecimento que a repressão tinha de detalhes como o número da carteira de identidade que Onofre usava e até a nacionalidade dos passaportes falsos que o grupo utilizaria.

Sobre a participação da agente Maria Magdalena ou Ana Barreto Costa, como era conhecida pelos militantes da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), Krischke não tem dúvidas. "Muito antes da descoberta dos documentos e da confissão dela, pessoas desconfiavam. Ela é uma espécie de Cabo Anselmo de saia", ironiza.

Conforme reportagem do Jornal do Brasil, do dia primeiro de novembro de 92, Maria Magdalena e seu marido Gilberto Giovanetti, reconheceram que foram cooptados pelos órgãos de repressão. Segundo relata para aquele jornal, eles teriam a incumbência de convencer aos antigos conhecidos da guerrilha a voltar para o Brasil. Na mesma reportagem, no entanto, Magdalena nega que tenha tido participação

na morte de Onofre e seus companheiros.

A viúva de Onofre, Idalina Pinto, a desmente. "Essa mulher dizia que ia montar um aparelho em São Paulo ou Rio. Para se ter uma idéia, nós chegamos a dar uma procuração para que meu cunhado vendesse um terreno aqui, para poder comprar um jipe para a organização. Ela era a única pessoa que tinha contato com Onofre. E dizia que ia dar cobertura na volta ao Brasil".

Apesar de entender a importância do relato dos agentes, Jair Krischke faz questão de indagar sobre a intenção dos que, como Marival e Magdalena, resolveram relatar os acontecimentos em que estiveram envolvidos. "Por que eles estão falando? Os grandes responsáveis por isso nunca falaram, só os da periferia da estrutura... e completa seu raciocínio: nem tudo o que eles dizem pode ser verdade. Algumas pessoas que ele enumera como infiltrados, por exemplo, não o são, com certeza".

Sobre o que seria a tarefa de Onofre e seu grupo na vinda ao Brasil, Krischke dá uma pista.

"Nos hotéis de Buenos Aires, locados pela ONL, e onde estavam alguns desses brasileiros do grupo, correu a informação de que eles teriam vindo com a intenção de matar o delegado Fleury, arqui-inimigo das organizações revolucionárias".

Ele defende a idéia lembrando o que Lillian Ruggia lhe relatou sobre o último encontro com o irmão. Lillian contou que Enrique havia prometido voltar em uma semana ou 10 dias. E que ela procurasse ler o jornal carioca "O Globo", durante aquele período, pois ele traria uma grande notícia. Krischke supõe que tal notícia fosse a morte do então delegado.

Lilian - Desvendar parte do mistério que envolve o desapa- parecimento de seu irmão, não é tudo para Lillian. "Fizemos a denúncia no mês de dezembro do ano passado ao ministro da Justiça, Maurício Correa. Ainda não tive resposta, por que houve férias".

Outra atitude que Lillian pretende tomar é visitar os arquivos do Dops do Paraná. Ela acredita que pode encontrar informações que ajudem a localizar onde seu irmão foi enterrado.

O sargento Albery encontrou a morte na traição



Reprodução/NTB

A VPR - Em 1973 a VPR teve momentos difíceis porque passou a constatar nas suas fileiras a infiltração de agentes da repressão. O famoso agente duplo, Cabo Anselmo, havia destruído a estrutura da organização em várias localidades. A segurança dos militantes estava cada vez mais em risco.

No exílio, as divisões na organização cresciam. Em meados de 1973 a VPR foi extinta, numa reunião entre os dirigentes do que havia restado da organização.

E este clima que Albery vai encontrar na sua ida ao Chile. Segundo Aluizio

de Ademir de Barros. Uma das ações que, junto com os sequestros de diplomatas estrangeiros tornou a organização temida e respeitada.

Ao que tudo indica o golpe militar no Chile, que em 1973 derrubou o presidente Salvador Allende, desmantelou por um tempo os planos. "Os exilados brasileiros se espalharam no mundo", explica Palmar. Boa parte do grupo liderado por Onofre foi para Buenos Aires. Albery exilou-se no México.

"Em fevereiro de 1974, um encontro casual deu oportunidade a Albery de propor a fusão de seu movimento com a "Frente Sul",

uma cilada. Armaram para todos ali. As afirmações do sargento Chaves vem comprovar isso". Sobre a morte de Albery e seu irmão José Soares dos Santos, ele redefiniu seu pensamento.

"Na época eu pensei em crimes comuns, ligados essencialmente ao jaganismo e à forma como Albery prometeu vingar a morte do irmão. Isso saiu inclusive no Nosso Tempo da época. Mas hoje eu penso que pode ter sido uma queima de arquivo dos órgãos de repressão. Todos, que por um motivo ou outro, tiveram contato com personagens desta história, foram mortos ou desapareceram da região".

PROCESSO Nº 0139 / 96 , de 26/02/96.

REQUERENTE : IDALINA MARIA PINTO (ESPOSA)

DESAPARECIDO POLÍTICO : ONOFRE PINTO

Senhor Presidente,

A requerente, esposa do desaparecido, apresentou documentação que a habilita ao recebimento de indenização.

Às fls. 04, apresentou Certidão de Óbito lavrada no 17º Registro Civil das Pessoas Naturais-SP.

O desaparecido está relacionado no Anexo I da Lei nº 9.140/95, sob o nº 105, com a seguinte descrição:

" 105 - Onofre Pinto, brasileiro, nascido em 26 de janeiro de 1937 em Jacupiranga - SP, filho de Júlio Rosário e Maria Pinto Rosário. (1974)"

Para efeito de indenização em consonância com o artigo 11 e seus parágrafos, a requerente faz jus a importância de R\$ 64.110,00 (sessenta e quatro mil, cento e onze reais), a qual se baseia nos seguintes cálculos:

ÉPOCA DO DESAPARECIMENTO	IDADE NA DATA DO DESAPARECIMENTO	EXPECTATIVA MÉDIA DE SOBREVIVÊNCIA	VALOR ÚNICO (R\$)	VALOR TOTAL INDENIZAÇÃO (R\$)
1974	47	21,37	3.000,00	64.110,00

Registre-se, para efeito da aplicação da Lei que a requerente deverá ser indenizada no valor de R\$ 100.000,00 (Cem mil reais) por força do dispositivo contido no artigo 11, § 1º da mencionada Lei.

Estas são as informações e valores que submeto a apreciação de V.Sa..

Brasília, 10 de junho de 1996


Argeu Ramos da Silva
Assessor Técnico da Comissão



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
COMISSÃO ESPECIAL
LEI Nº 9.140/95**

A Comissão Especial criada pela Lei nº 9.140, de 04 de dezembro de 1995, no uso da atribuição estabelecida no Inciso III do art. 4º, do citado Diploma Legal,

RESOLVE:

Deferir o requerimento formulado por IDALINA MARIA PINTO, com base no art.10 e seus parágrafos, ESPOSA de **ONOFRE PINTO**, conforme avaliação da documentação constante do Processo nº 0139 / 96 , de 26/02/96.

Em decorrência, a requerente poderá receber indenização a título reparatório a importância de R\$ 100.000,00 (cem mil reais), conforme dispõe o art. 11 da referida Lei, após publicação de Decreto do Senhor Presidente da República.

Brasília, 10 junho de 1996.


Miguel Reale Júnior
Comissão Especial - Lei 9140/95
Presidente

139

OK conf.

São Paulo, 11 de julho de 1996.

A/C SR. CRISTIANO MORINI
Comissão Especial Lei 9.140/95
Ministério da Justiça
Esplanada dos Ministérios - Anexo II, sala 621
CEP 70064-900 - Brasília - DF

Em resposta a sua correspondência de 1º de julho, gostaria de informar que possuo conta bancária em São Paulo, no banco 001 (Banco do Brasil), agência 1189-4 (Bernardino de Campos), conta nº 27.127-6.

Qualquer dúvida ou possíveis esclarecimentos, favor entrar em contato comigo através do endereço: Rua Santo Antônio, 1210 ap. 32 - São Paulo - SP - CEP 01314-001 ou pelo telefone: (011) 232-3719.

Atenciosamente,

Idalina Maria Pinto
IDALINA MARIA PINTO
viúva do desaparecido político Onofre Pinto

DECRETO Nº 2.081, DE 26 DE NOVEMBRO DE 1996.

Concede indenização à família de pessoa desaparecida ou morta em razão de participação, ou acusação de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979.

O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no exercício do cargo de PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição Federal, e tendo em vista o disposto no § 2º do art. 11 da Lei nº 9.140, de 4 de dezembro de 1995, e no parecer da Comissão Especial instituída pelo art. 4º da citada Lei,

DECRETA:

Art. 1º Ficam concedidas, na forma dos arts. 10 e 11 da Lei nº 9.140, de 4 de dezembro de 1995, as indenizações aos beneficiários constantes do Anexo a este Decreto.

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 26 de novembro de 1996; 175ª da Independência e 103ª da República.

MARCO ANTONIO DE OLIVEIRA MACIEL
Milton Seligman

Anexo

BENEFICIÁRIO	DESAPARECIDO OU MORTO	PARENTESCO	VALOR DA INDENIZAÇÃO R\$
Elmo Moura Gomes, Maria da Conceição Mota da Silva e Raulderval Miranda Moura	Louival Moura Paulino	filhos	100.000,00
Felícia Mariani de Oliveira	Isis Dias de Oliveira	mãe	124.590,00
José Vasconcelos Santos	Joel Vasconcelos Santos	irmão	124.110,00
Aldinalva Dantas Batista	Ulisses de Assis Batista	mãe	124.110,00
Adonias Casemiro, Jesus Casemiro e Lady Casemiro Alberico	Dennis Casemiro	irmão	111.360,00
Albertino Orlando da Costa, Américo Orlando da Costa, Irene Orlando, Leopoldino Orlando da Costa e Roberto Orlando da Costa	Oswaldo Orlando da Costa	irmãos	100.000,00
Maristella Nurchis	Manoel José Nurchis	irmã	100.000,00
Adriana Correia Souza Roscara, Elia Maria Correia Souza, Hortiz Correia Souza, José Antônio Correia de Souza, Joseilma Correia de Souza Pereira e Olíndira Correia de Souza	Rosalindo Souza	irmãos	100.000,00
Orlando Teisuo Kanayama	Shelvi Yumiko Kanayama	irmão	118.300,00
Dilson da Silva Pereira	Dermeval da Silva Pereira	irmão	111.360,00
Antônio Rodrigues dos Reis	Paulo Mendes Rodrigues	irmão	100.000,00
José Alfredo Dias e Marina Dias Virgínia	João Alfredo Dias	irmãos	100.000,00
Joséide Maria de Araújo	Pedro Inácio de Araújo	filha	100.000,00
Francisco Montezuma de Lima	José Montezuma de Lima	irmão	100.000,00
Idalina Maria Pires	Cláudia Pires	cônjuge	100.000,00
Jocimar Souza Carvalho	Joel José de Carvalho	filho	111.360,00
Benedita Pinto de Castro	Antônio Teodoro de Castro	mãe	111.360,00
Maria de Lourdes Salazar e Oliveira	Ciro Flávio Salazar e Oliveira	mãe	111.360,00
Tânia Gurilo Feres	Berenson Gurilo Feres	irmã	124.110,00
Helenilda Resende de Souza Nazareth	Helenilda Resende de Souza Nazareth	irmã	124.590,00
Gláucia Maria Celestino da Silva	Paulo de Tarso Celestino da Silva	irmão	111.360,00
Julia Gomes Lund	Guilherme Gomes Lund	mãe	111.360,00
Victoria Lavínia Grabois Olimpio	Maurício Grabois	filha	100.000,00
Saizé Nakamura Okano	Issami Nakamura Okano	mãe	111.360,00
Leiz Lavacchia	José Lavacchia	irmão	100.000,00
Maria Leonor Pereira Marques	Paulo Roberto Pereira Marques	mãe	124.110,00
Lidia Prata Vieira Roman	José Roman	cônjuge	100.000,00
Maria Hilda da Silva Ferreira	Mariano Joaquim da Silva	filha	100.000,00
Sônia Almeida	Leiz Vieira de Almeida	cônjuge	100.000,00
Gláucia Carvalho Leão de Aquino	James Petr da Silva	cônjuge	111.360,00
Virgínia Ricardi Viana	Armando Teixeira Frutuoso	cônjuge	100.000,00
Lígia Villaga da Silva	Wilson Silva	mãe	100.000,00
Edwin Costa	Walfirín Afonso Costa	pai	124.590,00
Margareta Maria de Souza	Lúcia Maria de Souza	irmã	124.590,00
Consuelo Ferreira Callado	Daniel Ribeiro Callado	pai	100.000,00
Ecila Francisca Massena Melo	João Massena Melo	cônjuge	100.000,00
Lorena Moraes Girão Barros	Jana Moura Barros	irmã	124.590,00
Hildegard Beatriz Angel Boyossan	Stuart Edgar Angel Jones	irmã	111.360,00

BENEFICIÁRIO	DESAPARECIDO OU MORTO	PARENTESCO	VALOR DA INDENIZAÇÃO R\$
Izaura de Souza Patrício	José Maurício Patrício	mãe	111.360,00
Maria Helena da Costa Silva	Antônio de Pádua Costa	irmã	100.000,00
Maria Gertrudes Almada Rojas e Jane Valladão de Souza	Ariildo Valadão	irmã	124.110,00
Emília Barreto Pereira	Tobias Pereira Júnior	mãe	124.110,00
Adalcy Duarte Brito Ribeiro	Walter de Souza Ribeiro	cônjuge	100.000,00
Alice Mariana Marinho, Ester Mariana Donda, Maria Martins Pereira, Ernesto Marinho e Olívia Martins Torres	Nestor Vera	filhos	100.000,00
Leda Pimenta Pedreira Ferreira	Aluizio Palhano Pedreira Ferreira	cônjuge	100.000,00
Clotilde Bueno Calazone e Osório da Lima Calazone	João Guilberto Calazone	pais	124.110,00
Sônia Maria Haas	João Carlos Haas Sobrinho	irmã	100.000,00
Paulo Maria Ferreira de Araújo	José Maria Ferreira de Araújo	irmão	111.360,00
Elizabeth Silveira e Silva	Luiz René Silveira e Silva	irmã	124.110,00
Epaminondas Lima Pinsky Dourado, Maria do Socorro Dourado Genil e Sabino de Lima Pinsky Dourado	José Lima Pinsky Dourado e Nelson Lima Pinsky Dourado	irmãos	111.360,00
Norma Disney Soares de Freitas	Carlos Alberto Soares de Freitas	irmã	100.000,00
Maria Rosa Campos Magalhães	Américo Joaquim de Souza Machado	irmã	100.000,00
Igor Grabois Olimpio	Gilberto Olimpio Maria	filho	100.000,00
Felipe de Santa Cruz Oliveira	Fernando Augusto de Santa Cruz Oliveira	filho	111.360,00
Suzana Kenyres Lisboa	Luiz Enrico Teyera Lisboa	cônjuge	124.110,00
Elma Gibertini Castiglia	Lúcio Guarani Castiglia	mãe	111.360,00
Yelva Lemos da Silva	Kleber Lemos da Silva	filha	111.360,00
Elvete Santos Delgado	Tênia Santos Delgado	irmã	124.590,00
Lilian Clotilde Rugga	Emrique Ernesto Rugga	irmã	137.220,00
Maria Anacelia Adas	Jorge Oscar Adas	irmã	100.000,00
Florinda Castro	Nebertho Armando Habegger	cônjuge	100.000,00
Magda Cristina de Carvalho	Daniel José de Carvalho	filha	111.360,00
Márcio Rocha Filho	João Leonardo da Silva Rocha	irmão	100.000,00
Nelson Beck Machado, Orlando Beck Machado e Roberto Beck Machado	Márcio Beck Machado	irmãos	111.360,00
Francisco Maurício Guariba Neto e João Vicente Ferreira Telles Guariba	Heleny Ferreira Telles Guariba	filhos	124.590,00
Célia Pereira	Hiram de Lima Pereira	cônjuge	100.000,00
Onildo Martins Rodrigues	Américo Alfredo Lima	cônjuge	100.000,00
Jandira de Jesus e Iemanir Augusto da Silva	Imaculada de Jesus	filha	137.220,00
Denize Petes Christy	Edson Lette	cônjuge	124.110,00
Nádejda Rodrigues Marques	Jarbas Pereira Marques	filha	124.110,00
Gilberto Carvalho Molina	Filário Carvalho Molina	irmão	124.110,00
Gerard Mayr	Frederico Eduardo Mayr	pai	124.110,00
Carlos Henrique Mayr	Alexandre Vanouchi Leme	pai	124.110,00
José de Oliveira Leme e Egle Maria Vanouchi Leme	Alexandre Vanouchi Leme	pais	124.110,00
Ivan Abelrud de Seixas	Joaquim Alencar Seixas	filho	100.000,00
Maria Madalena Prata Soares	José Carlos Neves Mata Machado	cônjuge	111.360,00

1

92

a/C SR. Custiano Meire

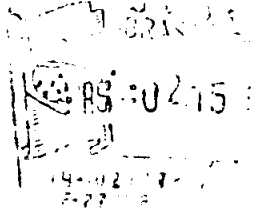
Comissão Especial Lei 9.140/95

Ministério da Justiça

Esplanada dos Ministérios - Anexo II, sala E21

Brasília - DF

CEP 70064-900



100



Idalina Maria Pinto
Rua Santo Antônio 1210 ap. 52
CEP 04314-001 - São Paulo - SP

21
rf

NOTA DE EMPENHO

PAGINA:

EMISSAO : 18Nov96 NUMERO: 96NE00282 ESPECIE: EMPENHO DE DESPESA
EMITENTE : 200001/00001 - GABINETE DO MINISTRO - MJ
CBC : 00394494/0001-36 FONE:
ENDERECO : ED. SEDE 4. ANDAR SALA 413 - ESPLMINISTERIOS
MUNICIPIO: 9701 - BRASILIA UF: DF CEP: 70064-000

CREDOR : 856882668-72 - IDALINA MARIA PINTO
ENDERECO : R. ST. ANTONIO, 1210, AP.32 SAO PAULO
MUNICIPIO: 7107 - SAO PAULO UF: SP CEP: 01314-001

OBSERVACAO / FINALIDADE
PARA PAGAMENTO DE INDENIZACAO à FAMILIA DE DESAPARECIDO POLÍTICO.

CLASS: 1 30101 02081018316400053 507270 0100000000 349093 000000 103A

TIPO : ORDINARIO MODALIDADE DE LICITACAO: NAO SE APLICA
AMPARO: INCISO: PROCESSO: 023518/96-67
UF/MUNICIPIO BENEFICIADO: SP / 7107
ORIGEM DO MATERIAL :
REFERENCIA DA DISPENSA :

VALOR EMPENHO : 100.000,00
SEM NIL REAIS*****

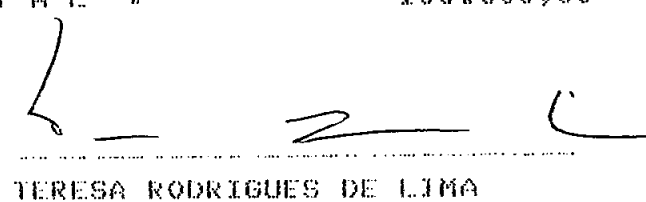
ESPECIFICACAO DO MATERIAL OU SERVICO

ITEM: 001 VALOR DO ITEM : 100.000,00

VALOR QUE SE EMPENHA EM FAVOR DO CREDOR ACIMA, PARA CONCESSAO DE INDENIZACAO à FAMILIA DE PESSOA DESAPARECIDA OU MORTA, EM FAZAO DE PARTICIPACAO, OU ACUSACAO DE PARTICIPACAO, EM ATIVIDADES POLITICAS, NO PERIODO DE 02 DE SETEMBRO DE 1961 A 15 DE AGOSTO DE 1979, CONFORME DECRETO NR. 2081, DE 26.11.96.

TOTAL : 100.000,00


JOSE GREGORI


TERESA RODRIGUES DE LIMA

29
21

SIAS196-DOCUMENTO-CONSULTA-COMOD (CONSULTA ORDEN BANCARIA)
6/01/97 10:09 USUARIO : CLEUSA
DATA EMISSAO : 23Dez96 TIPO DE OB : 12 NUMERO : 960800405
GESTAO EMITENTE: 200001 / 00001 - GABINETE DO MINISTRO - MJ
BANCO : 001 AGENCIA : 36064 CONTA CORRENTE : 999800630
ADRECIDO : 856882668-72 - IDALINA MARIA PINTO
BANCO : 001 AGENCIA : 11894 CONTA CORRENTE : 271276
NUMERO BANCARIO : 004454322-0 RE00222 PROCESSO : 023518/96-67
INVERTE SALDO : NAO VALOR : 100.000,00

RESERVAÇÃO
AGAMENTO DE INDENIZACAO A FAMILIA DE DESAPARECIDO POLITICO.

VENTO	INSCRICAO 1	INSCRICAO 2	CLASSIF.1	CLASSIF.2	VALOR
10204	96NE00282	0177000000	334909301	418000000	100.000,00

ENCADADO POR : 09660283172 - CLEUSA UG : 200001 23Dez96 16:20
F1=CAUDA PF3=SAI P4=ESPELHO PF12=RETORNA
L=03 C=01 05:12

SIAFI - SISTEMA INTEGRADO DE ADMINISTRACAO FINANCEIRA
0.12361.CS

RELAÇÃO DAS ORDENS BANCARIAS EXTERNAS

DATA-REFERENCIA - 23/12/96
96RE00222

UNIDADE GESTORA - 200001 GABINETE DO MINISTRO - MJ
BANCO 001 BANCO DO BRASIL S.A.

GESTAO - 00001 TESOURO NACIONAL
AGENCIA - 36064 PRES. DA REPUBLICA

NUMERO BANCARIO	NUMERO DA OR	TIPO OB	F A V O R E C I D O	BANCO AGENCIA	CONTA	V A L O R	INDICACAO DE CANCELAMENTO
004454322-0	405	12	IDALINA MARIA PINHO	001/11894	771276	100.000,00	
TOTAL R\$			100.000,00	SEM NIL REALS*****			

AUTORIZO O BANCO DO BRASIL EXECUTAR OS PAGAMENTOS ACIMA RELACIONADOS, EXCETUANDO AQUELAS ODS CANCELADAS.

DATA 23/12/96 - LOCAL - -DF

JOSE GREGORI
- ORDENADOR P/ ASSINATURA

TERESA RODRIGUES DE LIMA
- RESP. SETOR FINANCEIRO

PROTOCOLO
24 DE 1996



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Órgão _____

Folha Nº _____

Processo Nº _____

Rubrica _____

A SECRETARIA DE CONTROLE INTERNO
C I S E T - M. J.
GM/MJ, em _____

Ceresia Rodrigues de Lima
Chefe Serv. de Exec. Orç. Fin. P. A. / GM/MJ

24
24



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SECRETARIA DOS DIREITOS HUMANOS
COMISSÃO ESPECIAL - Lei 9.140/95

Ofício nº 051 /2006 – CDP/GAB/SEDH/PR

Brasília, 19 de junho de 2006.

A Sua Senhoria a Senhora
Maria Esperança Resende
Coordenação Geral do Arquivo Nacional - COREG
SIG Quadra 6 Lote 800
Anexo da Imprensa Nacional
70604-900
Brasília, DF

Assunto: **Solicitação de Informações**

Senhora Coordenadora,

Dando prosseguimento as deliberações resultantes da 23ª reunião ordinária da Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos, por ordem do presidente, Dr Marco Antônio Rodrigues Barbosa, e com base no artigo 9º da lei 9140/95, venho solicitar os valerosos préstimos de Vossa Senhoria no sentido de remeter a este Colegiado, com a maior brevidade possível, toda e qualquer informação que porventura exista nos arquivos desse órgão, acerca dos nomes na listagem em anexo.

Aproveito o oportuno para esclarecer que as informações solicitadas têm por objetivo complementar processos da Comissão que tratam de pessoas desaparecidas, bem como, caso seja necessário, a Comissão encaminhará dados complementares para auxiliar nos trabalhos de pesquisa desse órgão.

Atenciosamente,

Simone S. Botelho
Simone Steigleder Botelho
Secretária Executiva

1. ADRIANO FONSECA FILHO
2. ABDON DA SILVA SANTOS
3. ALUISIO PALHANO PEDREIRA FERREIRA
4. AMARO FÉLIX FERREIRA
5. ANA ROSA KUCINSKI SILVA
6. ANDRÉ GRABOIS
7. ANTÔNIO ALFREDO LIMA
8. ANTÔNIO CARLOS MONTEIRO TEIXEIRA
9. ANTÔNIO DE PADUA COSTA
10. ANTÔNIO DOS REIS DE OLIVEIRA
11. ANTÔNIO FERREIRA PINTO (ALFAIATE)
12. ANTÔNIO GUILHERME RIBEIRO RIBAS
13. ANTÔNIO JOAQUIM DE SOUZA MACHADO
14. ANTÔNIO TEODORO DE CASTRO
15. ARILDO VALADÃO
16. ARMANDO TEIXEIRA FRUTUOSO
17. ÀUREA ELIZA PEREIRA
18. AYLTON ADALBERTO MORTATI
19. BERGSON GURJÃO FARIAS
20. BOANERGES DE SOUZA MASSA
21. CAIUPY ALVES DE CASTRO
22. CAIUPY ALVES DE CASTRO
23. CARLOS ALBERTO SOARES DE FREITAS
24. CARLOS AUGUSTO BARROSOS
25. CELSO GILBERTO DE OLIVEIRA
26. CILON CUNHA BRUN
27. CIRO FLÁVIO SALAZAR OLIVEIRA
28. CLAUDIO PAREDES
29. CUSTÓDIO SARAIVA NETO
30. CUSTÓDIO SARAIVA NETO
31. DANIEL JOSÉ CARVALHO
32. DANIEL RIBEIRO CALLADO
33. DAVID CAPISTRANO DA COSTA
34. DAVID CAPISTRANO DA COSTA
35. DÊNIS CASEMITRO
36. DERMEVAL DA SILVA PEREIRA
37. DINAELZA SANTANA COQUEIRO
38. DINALVA OLIVEIRA TEIXEIRA
39. DIVINO FERREIRA DE SOUZA
40. DIVO FERNANDES DE OLIVEIRA
41. DURVALINO DE SOUZA

Esplanada dos Ministérios - Bloco "T" - Anexo II - Sala 503. CEP 70064-900 - Brasília-DF
(61) 4293484/3820/3579 E-mail: desaparecidospoliticos@sedh.gov.br

42. EDGAR DE AQUINO DUARTE
43. EDMUR PÉRICLES CAMARGO
44. EDUARDO COLIER FILHO
45. ELMO CORRÊA
46. ELSON COSTA
47. ENRIQUE ENESTO RUGGIA
48. EZEQUIAS BEZERRA DA ROCHA
49. FÉLIX ESCOBAR SOBRINHO
50. FERNANDO AUGUSTO SANTA CRUZ OLIVEIRA
51. FERNANDO BORGES DE PAULA FERREIRA
52. FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA
53. FRANCISCO MANOEL CHAVES (OU JOSÉ FRANCISCO CHAVES)
54. FRANCISCO TENÓRIO CERQUEIRA JÚNIOR
55. GILBERTO OLÍMPIO MARIA
56. GUILHERME GOMES LUND
57. HAMILTON PEREIRA DAMASCENO
58. HELENI TELLES PEREIRA GUARIBA
59. HELENIRA REZENDE DE SOUZA NAZARETH
60. HÉLIO LUIZ NAVARRO DE MAGALHÃES
61. HIRAN LIMA PEREIRA
62. HONESTINO MONTEIRO GUIMARÃES
63. HORACIO DOMINGO CAMPLIGLIA
64. IDALÍSIO SOARES ARAÑHA FILHO
65. IEDA SANTOS DELGADO
66. ISIS DIAS DE OLIVEIRA
67. ISSAMI NAKAMURA OKANO
68. ITAIR JOSÉ VELOSO
69. IVAN MOTA DIAS
70. JAIME AMORIM MIRANDA
71. JAIME PETI DA SILVA
72. JANA MORONI BARROSO
73. JOÃO ALFREDO DIAS
74. JOÃO ALFREDO DIAS
75. JOÃO BATISTA NUNES MACHADO
76. JOÃO BATISTA RITA
77. JOÃO CARLOS HAAS SOBRINHO
78. JOÃO GUALBERTO CALATRONE
79. JOÃO LEONARDO DA SILVA ROCHA
80. JOÃO MASSENA NETO

Esplanada dos Ministérios - Bloco "T" - Anexo II - Sala 503. CEP 70064-900 - Brasília-DF
(61) 4293484/3820/3579 E-mail: desaparecidospoliticos@sedh.gov.br

81. JOAQUIM PIRES CEVEIRA
82. JOEL JOSÉ DE CARVALHO
83. JOEL VASCONCELOS SANTOS
84. JORGE LEAL GONÇALVES PEREIRA
85. JORGE OSCAR ADUR
86. JOSÉ CARLOS DA COSTA
87. JOSÉ DE LIMA PIAUHY DOURADO
88. JOSÉ HUMBERTO BRONCA
89. JOSÉ LAVECHIA
90. JOSÉ MARIA FERREIRA ARAÚJO
91. JOSÉ MAURÍLIO PATRÍCIO
92. JOSÉ MONTENEGRO DE LIMA
93. JOSÉ PORFÍRIO DE SOUZA
94. JOSÉ ROMAN
95. JOSÉ TOLEDO DE OLIVEIRA
96. KLEBER LEMES DA SILVA
97. KLEBER LEMOS DA SILVA
98. LIBERO GIANCARDO CASTIGLIA
99. LORENZO ISMAEL VIÑAS
100. LOURIVAL DE MOURA PAULINO
101. LOURIVAL DE MOURA PAULINO
102. LUCIA MARIA DE SOUZA
103. LUCIO PETIT DA SILVA
104. LUÍS ALMEIDA ARAÚJO
105. LUÍS EURICO TEJERA LISBOA
106. LUÍS INÁCIO MARANHÃO FILHO
107. LUÍZ RENÉ SILVEIRA E SILVA
108. LUIZ VIERA DE ALMEIDA
109. LUÍZA AUGUSTA GARLIPPE
110. MANOEL JOSÉ NUREHIS
111. MÁRCIO BECK MACHADO
112. MARCO ANTÔNIO DIAS BATISTA
113. MARCO JOSÉ DE LIMA
114. MARIA AUGUSTA THOMAZ
115. MARIA LÚCIA PETIT DA SILVA
116. MARIA CÉLIA CORRÊA
117. MARIANO JOAQUIM DA SILVA
118. MÁRIO ALVES DE SOUZA VIEIRA
119. MÁRIO RENNIE ENTRALA
120. MAURÍCIO GRABOIS
121. MIGUEL PEREIRA DOS SANTOS
122. MIGUEL SABAT UNET (OU MIGUEL SABAT

Esplanada dos Ministérios - Bloco "T" - Anexo II - Sala 503. CEP 70064-900 - Brasília-DF
(61) 4293484/3820/3579 E-mail: desaparecidospoliticos@sedh.gov.br

NUET)	
123.	MÔNICA SUZANA PINUS
124.	NELSON CORREA DE OLIVEIRA
125.	NELSON DE LIMA PLAUHY DOURADO
126.	NESTOR VERAS
127.	NILTON VIGGIANO
128.	NORBERTO ARMANDO HABEGER
129.	ONOFÉ PINTO
130.	ORLANDO DA SILVA ROSA BONFIM JÚNIOR
131.	ORLANDO MOMENTE
132.	OSVALDO ORLANDO COSTA
133.	OSVALDO ORLANDO COSTA
134.	PAULO CÉSAR BOTELHO MASSA
135.	PAULO COSTA RIBEIRO BASTOS
136.	PAULO DE TARSO CELESTINO DA SILVA
137.	PAULO MENDES RODRIGUES
138.	PAULO ROBERTO PEREIRA MARQUES
139.	PAULO STUART WRIGHT
140.	PAULO STUART WRIGHT
141.	PAULO VENTURA
142.	PEDRO ALEXANDRINO DE OLIVEIRA FILHO
143.	PEDRO INÁCIO DE ARRUDA
144.	PEDRO PAULO BRETAS
145.	PEDRO SOUZA MILHOMEM
146.	RAMIRES MARANHÃO DO VALE
147.	RODOLFO DE CARVALHO TROLANO
148.	ROSALINDO SOUZA
149.	RUBENS BEIRODT PAIVA
150.	RUY CARLOS VIEIRA BERBERT
151.	RUY FRAZÃO SOARES
152.	SÉRGIO LANDUFO FURTADO
153.	STUART EDGAR ANGEL JONES
154.	SUELY YUMIKO KAMAYANA
155.	TELMA REGINA CORDEIRO CORRÊA
156.	THOMAZ ANTÔNIO DA SILVA MEIRELLES NETO
157.	TOBIAS PEREIRA JÚNIOR
158.	UIRASSU DE ASSIS BATISTA
159.	UMBERTO ALBUQUERQUE CÂMARA NETO
160.	VANDIK REIDNER PEREIRA COQUEIRO
161.	VICTOR CARLOS RAMOS
162.	VIRGÍLIO GOMES DA SILVA

Esplanada dos Ministérios - Bloco "T" - Anexo II - Sala 503. CEP 70064-900 - Brasília-DF
(61) 4293484/3820/3579 E-mail: desaparecidospoliticos@sedh.gov.br

163.	VITORINO ALVES MOITINHO
164.	WALQUÍRIA AFONSO COSTA
165.	WALTER DE SOUZA RIBEIRO
166.	WALTER DINIZ
167.	WALTER RIBEIRO NOVAES
168.	WALMIR FREITAS MONTEIRO
169.	WILSON SILVA
170.	WILLIAN FERNANDES LEITE
171.	ZELMO BOSA